

Resumo: A atmosfera surreal da pandemia COVID-19 expôs linhas de fratura na confiança entre seres humanos, entre países, entre cidadãos e governos, e está nos levando a levantar grandes questões sobre nós mesmos, nossas relações sociais e a vida em geral. E esta crise não se limita apenas à saúde pública e ambiental ou à economia - o que estamos testemunhando é um momento da verdade em relação à crise da modernidade tardia e seu sistema capitalista em uma escala ampla e abrangente. As tarefas são de dois tipos: as urgentes agora e as importantes amanhã. Em primeiro lugar, a fim de desvendar as origens sociais e compreender a magnitude dos impactos COVID-19 teve, e continua a ter, para entender como a curva ascendente de infecção pode ser nivelada, para obter insights sobre como lidar com mais eficácia. Com as consequências do distanciamento social, e para estudar adequadamente as medidas imediatas necessárias para aliviar a consequência para aqueles que perderam seu trabalho, é urgente que cientistas de todos os campos colaborem uns com os outros. Em segundo lugar, precisamos entender as teorias da conspiração e as notícias falsas em torno do COVID-19, e buscar formas de mitigar a crescente discriminação contra estrangeiros e refugiados, incluindo estereótipos crescentes contra chineses e aqueles que estão sendo acusados de “trazer o vírus”. Esta crise global pode ter estimulado novas estratégias para reforçar a exploração, expropriação e nosso capitalismo neoliberal, e aumentado o alcance de nossa ganância e egoísmo, mas também nos deu a oportunidade de explorar e fornecer uma nova maneira de compreender e reivindicar nossa justiça social e humanidade.

Palavras-chave: COVID-19. Pandemia. Sociologia.

Abstract: The surreal atmosphere of the COVID-19 pandemic has exposed fault lines in trust among human beings, among countries, between citizens and governments, and it is pushing us to raise big questions about ourselves, our social relationships, and life generally. And this crisis is not just limited to public and environmental health or the economy – what we are witnessing is a moment of truth regarding the crisis of late modernity and its capitalist system on a broad, overarching scale. Tasks are of two sorts: ones that are urgent for now, and others that are important for tomorrow. First, in order to unpack the social origins and to understand the magnitude of the impacts COVID-19 has had, and continues to have, to understand how the upward curve of infection can be flattened, to gain insight as to how to deal most effectively with the consequences of

¹ Recebido em: 1^o Mai. 2020 | Aceito: 31 Ago. 2020.

² Traduzido por Professor André Magnelli (prof.andremagnelli@gmail.com)

³ Professor de Sociologia e chefe do departamento de sociologia, antropologia e estudos de mídia da American University of Beirut. Editor do Idafat: o Arab Journal of Sociology (árabe). Vice-presidente da International Sociological Association e do Arab Council of Social Science. <https://sites.aub.edu.lb/sarihanafi/>

social distancing, and to properly study the immediate measures required to alleviate the consequence for those who have lost their work, it is urgent for scientists in all fields to collaborate with one another. Second, we need to understand the conspiracy theories and fake news around COVID-19, and to seek ways of mitigating the increasing discrimination against foreigners and refugees, including rising stereotypes against Chinese, and to those being accused for “bringing the virus”. This global crisis may have prompted fresh strategies to reinforce exploitation, dispossession, and our neoliberal capitalism, and increased the reach of our greed and selfishness, but it has also given us an opportunity to explore and provide new way of understanding and reclaiming our social justice and humanity.

Keywords: COVID-19. Pandemic. Sociology.

Este tempo sombrio da pandemia do Coronavírus me faz lembrar como me senti durante as longas horas de espera diante dos postos de controle israelenses, durante meu tempo trabalhando em Ramallah e morando em Jerusalém entre 2000-2004. A espera pelo fim da espera, sendo controlada e orientada por outros, a regra da não-regra, tornou-se uma violência suspensa. Esta privação de uma existência temporal (um processo de mudança, um tempo ontológico em antecipação, e um além do meu controle) reduziu, como diria Heidegger (2008), meu ser a um tempo linear, onde eu não sentia haver um "espaço-cídio" (Hanafi 2013) mas sim um “chrono-cídio”⁴. Hoje, com sua alienação imposta do tempo, e sua perturbação da vida da metade da humanidade, que inclui o fechamento e até mesmo o toque de recolher, sinto-me como naqueles dias em Ramallah e Jerusalém. A atual ruptura mudará, a um ritmo sem precedentes, como comemos, trabalhamos, fazemos compras, fazemos exercícios, administramos nossa saúde, socializamos e gastamos nosso tempo livre. Este vírus mudou a direção do vento. Como Arundhati Roy eloquentemente disse: diferentemente do fluxo de capital, este vírus busca a proliferação, não o lucro, e, portanto, inadvertidamente, em certa medida, inverteu a direção do fluxo. Ele zombou dos controles de imigração, biometria, vigilância digital e qualquer outro tipo de análise de dados, e atingiu mais duramente – até agora – as nações mais ricas e mais poderosas do mundo, trazendo o motor do capitalismo a um impasse julgador. Temporariamente talvez, mas pelo menos o suficiente para

⁴ Para saber mais sobre este período pesado da experiência colonial, veja (Tawil-Souri 2019) e a noção de tempo oco em (Burris, 2019).

examinarmos suas partes, fazermos uma avaliação e decidirmos se queremos ajudar a consertá-lo, ou procurar um motor melhor.⁵

A atmosfera surreal da pandemia da COVID-19 expôs linhas de falha na confiança entre seres humanos, entre países, entre cidadãos e governos, e está nos forçando a levantar grandes questões sobre nós mesmos, nossas relações sociais e a vida em geral. E esta crise não se limita apenas à saúde pública e ambiental ou à economia – o que estamos testemunhando é um momento de verdade a respeito da crise da modernidade tardia e de seu sistema capitalista em uma escala ampla e abrangente. Não poderemos simplesmente voltar ao "business as usual" depois de atravessarmos esta crise, e as ciências sociais devem trabalhar tanto para analisar como para se engajar ativamente na abordagem destas novas realidades. As tarefas são de dois tipos: as que são urgentes por enquanto, e outras que são importantes para o amanhã.

Duas tarefas urgentes

Primeiro, para desembrulhar as origens sociais e entender a magnitude dos impactos que a COVID-19 teve, e continua tendo, para entender como a curva ascendente da infecção pode ser achatada, para obter uma visão de como lidar mais efetivamente com as consequências do distanciamento social a fim de estudar adequadamente as medidas imediatas necessárias para aliviar as consequências para aqueles que perderam seu trabalho, é urgente que os cientistas de todos os campos colaborem uns com os outros. Como disse Mounir Saidani, precisamos não só de laboratórios médicos, mas também sociológicos.⁶ A OIT estima que até 25 milhões de

⁵ Mais informações: https://www.ft.com/content/10d8f5e8-74eb-11ea-95fed274e920ca?utm_source=Tricontinental+subscribers+single+list&utm_campaign=c2330aefdb-EMAIL_CAMPAIGN_2020_04_08_05_44&utm_medium=email&utm_term=0_bb06a786c7-c2330aefdb-190590353

⁶ <https://bit.ly/3d45Dsi>

pessoas poderiam ficar desempregadas, com a perda de renda dos trabalhadores atingindo até 3,4 trilhões de dólares⁷.

Em segundo lugar, precisamos entender as teorias da conspiração e as notícias falsas em torno da COVID-19, e buscar maneiras de mitigar a crescente discriminação contra estrangeiros e refugiados, incluindo o aumento dos estereótipos contra os chineses, e contra aqueles que estão sendo acusados de "trazer o vírus".

O importante: levar a sociologia a cumprir a tarefa

Há um ano, escrevi um artigo que oferecia recomendações sobre possíveis novas direções para a Sociologia Global (Hanafi 2019), que incluía um chamado para complementar a atual abordagem pós-colonial com uma abordagem anti-autoritária, e um chamado para levar em conta as novas características de nossa sociedade pós-secular. Embora estas preocupações permaneçam válidas aqui, quero colocar mais ênfase em três tarefas para a sociologia: construir focos multi-níveis que ramifiquem da comunidade para a humanidade; adotar uma abordagem ativa na luta contra as doenças do *antropoceno* e do *capitaloceno*; e finalmente estabelecer uma agenda melhor para o reconhecimento e a obrigação moral.

Foco multinível: da comunidade à humanidade

Primeiro, o Coronavírus deixou muito claro o quanto o mundo está verdadeiramente interligado, transformando a imagem de uma aldeia global de uma metáfora em uma realidade. Mas ainda precisamos gerar *mais solidariedade global e uma globalização mais humanista*; e para fazê-lo com sucesso, é necessária *uma conceituação em múltiplas escalas*. Gilles Deleuze argumentou que a esquerda (e com ela, a maioria

⁷ http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_739961/lang--en/index.htm.

dos cientistas sociais, com exceção dos economistas ortodoxos!) percebe o mundo em termos de relações que começam a partir do mais distante, e se movem para dentro⁸. A desigualdade social, por exemplo, tem sido entendida como um grande fenômeno global de exploração, cuja relação pode ser traçada, em direção ao imperialismo e ao colonialismo. Por causa disso, a maioria dos cientistas sociais chama a atenção para a existência e as estruturas do imperialismo e do colonialismo, a fim de enfrentar adequadamente o sofrimento das classes sociais afetadas (abstratas). Ao contrário disso, os movimentos políticos identitários (ou seja, alguns movimentos islâmicos, e movimentos de extrema direita e conservadores) são aqueles que veem as relações como começando a partir de um ponto próximo, indo para os mais distantes. Eles acreditam no trabalho comunitário, e nas relações familiares e de vizinhança. Por exemplo, os partidários do Trump acreditam em sua capacidade de lidar com as desigualdades sociais enfrentadas pelas comunidades esquecidas de brancos americanos rurais⁹. E as organizações baseadas na fé no Líbano são atualmente as ONGs mais pró-ativas que lidam com famílias que perderam seu emprego durante o toque de recolher.

Vejo nossa sociologia pós-Corona como uma sociologia capaz de reinventar como ela tem tradicionalmente comandado seu foco (de fora para dentro, ou de dentro para fora) para criar métodos que utilizam focos multiescala: repensar a importância da família, da comunidade e da ética do amor, da hospitalidade e do cuidado, e depois escalar até o nível do Estado-nação e da humanidade como um todo. Eric Macé concebeu este enfoque de múltiplas escalas em seu recente e excelente livro (2020) onde ele afasta a solidariedade do nível único – a sociedade *à la Durkheim*. Em vez disso, ele chama a atenção para os níveis das relações sociais e para os atores sociais dentro dessas relações que estão envolvidos em estabelecer redes e classificar como se organizam, incluindo a solidariedade que existe em diferentes níveis, tudo isso ditado pela lógica (efêmera ou estável) desses atores e seus grupos sociais específicos. Esta

⁸ Para mais análises da Esquerda, veja (Hanafi 2020): <https://thefunambulist.net/philosophy/deleuze-what-is-it-to-be-from-the-left>

⁹ Refiro-me à excelente análise de Arlie Russell Hochschild em seu livro *Strangers In Their Own Land: A raiva e o luto pela direita americana*. (Hochschild 2016)

"sociologia ampliada" procura se livrar do paradigma da dominação¹⁰ e substituí-lo pelo do poder (ser robusto e/ou vulnerável). Creio que é importante para Macé, e para os cientistas sociais, aplicar esta metodologia para desafiar a noção de sociedade nos Estados-nação do Norte Global. No entanto, para o Sul Global, a solidariedade significativa requer a inclusão do nível da sociedade, como movimentos nacionais que lutam para estabelecer sociedades democráticas e também a construção do Estado.

Lutar contra o antropoceno/capitaloceno

A COVID-19 é uma doença não só da globalização, mas também do *antropoceno*. O credo do consumismo humano está esgotando recursos que nossa Terra não pode renovar, e este vírus é apenas um (embora significativo) episódio deste consumismo. Como sabemos, este vírus foi transmitido de animais não domesticados (como civetas, pangolins e morcegos) para os seres humanos através do consumo destes animais por aqueles na China. Eles são realmente tão saborosos? Bourdieu consideraria isto como um sinal de distinção, apontando para a quantidade significativa de objetos desnecessários e luxuosos que nós, a classe média e média baixa, consumimos. Há uma piada conhecida no Líbano sobre a pessoa da classe média, que "compra um presente que não gosta, com dinheiro que não tem, para dá-lo a outro que o odeia". Infelizmente, esta piada reflete muita verdade sobre quantas pessoas desta classe se comportam, globalmente. Para muitos libaneses, férias se tornam sinônimo de viagens ao exterior.

Este consumismo voraz é induzido pelo que o sociólogo francês Rigas Arvanitis chamou de *acesso mitológico à felicidade*, que em última análise serve como um acelerador eficaz para mais problemas de saúde, epidemias, mortes e desastres. O exame dessas relações em múltiplas escalas não pode ser feito sem reconectar o indivíduo, a sociedade e a natureza. Por exemplo, a abordagem da mudança climática e do sistema

¹⁰ A dominação pode vir da noção de sociedade como uma estrutura dominante necessária e funcional, da ideologia dos dominantes (classes dominantes para o marxismo), da modernidade como uma dominação (Max Weber, mas também em certa medida Michel Foucault), ou, finalmente, dos subalternos que acreditam que sua resistência pode ser simplesmente marginal (criando simplesmente alguns espaços de autonomia). (Macé 2020)

político-econômico não pode ser feita sem a conscientização pública sobre a relação das pessoas com a Terra e com a humanidade. O sociólogo e historiador ambiental americano, Jason Moore, propõe a noção de *capitaloceno* como uma espécie de provocação crítica à sensibilidade do *antropoceno*. Para ele, o capitalismo está organizando a natureza como um todo: é a ecologia-mundo que une a acumulação de capital, a busca do poder e a co-produção da natureza em sucessivas configurações históricas.

Esta abordagem multiescala requer a reconexão do econômico com o social, e a conexão destes com o político, e com o cultural. O capitalismo neoliberal e especulativo não se trata apenas de economia, é também um sistema de poder e um sistema de cultura, e essas inter-relações significam que mesmo os sistemas democráticos nem sempre são bem sucedidos na prevenção de conluio entre elites políticas e econômicas, ou o domínio de lobbies ricos (Pleyers 2020).¹¹

Precisamos reavivar o conceito de incrustamento social de Karl Polanyi. Polanyi introduziu três formas de integrar a sociedade à economia: o intercâmbio, a redistribuição e a reciprocidade. Assim, nossas ciências sociais deveriam repensar seriamente estes três termos, pois o mercado (um lugar de intercâmbio) precisa ser moralizado, o que inclui estabelecer um controle social firme contra todas as formas de especulação. A redistribuição não pode ser feita sem tomar medidas significativas para evitar que a concentração da riqueza seja mantida por uma minoria de empresas em cada setor¹², sem estabelecer pesados impostos sobre altos níveis de capital e riqueza (Piketty 2014), e sem passar para uma economia de crescimento lento e seus corolários (incluindo a necessidade de transporte público barato e de baixo carbono, para ver os serviços públicos como investimentos e não como passivos, e para aumentar a segurança dos mercados de trabalho). Deixarei a questão da reciprocidade para a próxima seção.

¹¹ Para mais críticas à democracia liberal atual, veja a análise de Michael Burawoy (2005) sobre como ela impulsionou a mercantilização da terceira onda com sua precariedade, exclusão e desigualdade. Ver também o filósofo libanês Nassif Nassar (2017) que argumenta que a democracia não pode ser discutida fora da questão do tipo de desenvolvimento que queremos.

¹² De acordo com Geoffrey Players (2020) o "top 1%" e as corporações globais têm grande poder político em escala nacional e global".

Estamos cientes de que a luta pelo meio ambiente é inseparável de nossa escolha de economia política e da natureza de nosso sistema econômico desejado – e essas conexões entre o ser humano e a natureza nunca estiveram tão imediata ou intimamente ligadas como agora. Há uma crise aguda de crescimento rápido que foi expressa muito claramente pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, quando ele disse: "não há aqui limites ao crescimento, porque não há limites à capacidade humana de inteligência, imaginação e maravilamento".¹³ Para o economista americano James Galbraith e o sociólogo alemão Klaus Dörre (2019), este crescimento foi baseado na suposição da estabilidade a longo prazo dos custos fixos de matérias-primas e energia. E, quando isto não era mais o caso, a especulação financeira se intensificou, os lucros diminuíram e gerou conflitos distributivos entre trabalhadores, administração, proprietários e autoridades fiscais. Além disso, o custo da mudança climática é alto, pois as reduções maciças nas emissões de carbono tornarão muitas atividades comerciais baseadas no consumo não rentáveis. Levando tudo isso em consideração, os autores sugerem "uma nova economia de crescimento conscientemente lento que incorpore os fundamentos biofísicos da economia em seus mecanismos de funcionamento". Acrescentarei que também precisamos pensar sobre os graves efeitos sociais das formas digitalizadas de trabalho e a tendência de substituir o trabalho por autômatos. Mesmo que o trabalho digital reduza parcialmente a taxa de desemprego, a falta de proteção social para os trabalhadores digitais teria um efeito tremendo na geração futura.

Política de reconhecimento e obrigação moral

Chegarei agora à questão da reciprocidade no inscrustamento social da Polanyi. Polanyi a definiu como a troca mútua de bens ou serviços como parte de relações de longo prazo, onde a reciprocidade e as obrigação e preocupações morais são

¹³ <https://www.cato.org/publications/commentary/earths-resources-are-limited-human-ingenuity-infinite>.

acrescentadas às relações contratuais. Eu qualificaria esta reciprocidade de duas maneiras. A primeira reciprocidade exige políticas de reconhecimento (Honneth 1996) entre grupos e/ou redes que aceitam a identidade dos outros, que trabalham de acordo com o paradigma do pluralismo e do multiculturalismo. O funcionamento da reciprocidade depende da força ou da fraqueza das obrigações morais nas relações sociais. Relações sociais fortes podem ser vistas nas redes de solidariedade postas por Mark Granovetter (1985), que argumenta que às vezes relações de rede fortes são relações baseadas em dádivas. Elas estão relacionadas a, e em expansão. É a tal ponto que Alain Caillé (2008) conduz a uma hipótese anti-utilitária, onde o desejo dos seres humanos de serem valorizados como doadores significa que nossas relações não se baseiam apenas no interesse, mas no prazer, no dever moral e na espontaneidade. Mas o senso de obrigação moral também pode ser fraco. Em uma entrevista ao *Le Monde* em maio de 2019, o filósofo francês Bruno Latour explicou que, embora as pessoas não estejam necessariamente ignorando a mudança climática, elas não se sentem como se pertencessem à terra em que vivem e, por sua vez, podem se mover rapidamente para outros lugares como uma estratégia de saída individual.

A sociologia pós-Corona só terá sentido se estiver armada com uma utopia, ou "utopias reais", como (Wright 2010) colocaria, pois, mesmo que não seja totalmente realizável, ela dirigirá nossas ações. Não há vida ética sem utopia, e a diferença entre a utopia clerical e a utopia de um sociólogo é que esta última não necessariamente denuncia a visão anti-utópica dos outros, e pode procurar trabalhar com aqueles que acreditam nela. Esta sociologia deve, portanto, apreciar a relação de dom maussiano e a obrigação moral, de modo a ligar as ciências sociais à filosofia moral e conduzir as coisas para que isso aconteça. É importante repensar a construção da alteridade, não apenas em relação a quem é percebido como adversário e, por que isso poderia ocorrer, mas sim em relação a como nos preocupamos com "o Outro" e cuidamos dele. Aqui, uma discussão ética séria poderia domar a busca de nosso próprio autointeresse. Este é o sentido dos aforismo de Paul Ricoeur, "o objetivo de viver a boa vida com e para os outros em instituições justas", onde, em outras palavras, a ética do amor, da hospitalidade, do cuidado e da solicitude com e para os outros pode ser incluída nas estruturas institucionais para garantir e reforçar a justiça social e a democracia. De acordo com isso, Alain Caillé (2008), Frédéric Vandenberghe (2018) e muitos outros

estudiosos anti-utilitaristas propuseram em dois manifestos o que chamam de "convivialismo" como o sucessor das ideologias seculares do comunismo, do socialismo e do anarquismo. Para nos lembrar como pensar a responsabilidade em relação à liberdade, e como fomentar e encorajar relações significativas com nossos "outros" seres humanos semelhantes, a sociologia deve voltar a estas e outras percepções salientes de filósofos como Emmanuel Levinas que, simples e astuciosamente, explicou que "*avant cogito, il y a bonjour*" [antes de *cogito*, há o "bom dia"].

Conclusão

Levar a sociologia a cumprir a tarefa sempre foi uma reflexão integral da Associação Internacional de Sociologia, e os termos que propus não estão longe das reflexões de Geoffrey Pleyers, o atual VP de Pesquisa e Presidente do Fórum de Sociologia ISA "*Challenges of the 21st Century: Democracy, Environment, Inequalities, Intersectionality*"¹⁴, a partir das reflexões de Filomin Gutierrez na próxima 5a Conferência do Conselho de Associações Nacionais da ISA, *Social Transformations and Sociology: Disposessions and Empowerment*; e, é claro, do XX Congresso Mundial de Sociologia do ISA¹⁵, ou finalmente, do próximo XX Congresso Mundial de Sociologia do ISA de 2022, *Resurgent Authoritarianism: The Sociology of New Entanglements of Religions, Politics, and Economies*.

Esta crise global pode ter impulsionado novas estratégias para reforçar a exploração, a despossessão e nosso capitalismo neoliberal, e aumentou o alcance de nossa ganância e egoísmo, mas também nos deu uma oportunidade de explorar e proporcionar uma nova forma de compreensão e de reivindicar nossa justiça social e humanidade. Tentei esboçar aqui alguns pensamentos para uma política pós-Corona de esperança, que podem sinalizar as possibilidades de transcender nosso capitalismo

¹⁴ Que será realizado de 23 a 27 de fevereiro de 2021 em Porte Alegre.

¹⁵ Que será realizado de 10-13 de maio de 2021, na Eslovênia.

neoliberal e especulativo, de reconectar indivíduos, sociedades e natureza, e de incorporar a economia nas relações sociais, valores culturais e preocupações morais.

Deixe-me terminar com uma nota positiva. Aqui no Líbano, meus colegas da Universidade Americana de Beirute mediram uma redução da poluição do ar em 36%; e até mesmo, a redução da poluição sonora convidou nossas aves a cantar na beira da janela de minha casa, tudo isso com a intimidade da auto-reflexão. Durante este confinamento, eu revi o filme "*Amor em tempos de cólera*", refletindo sobre a beleza da criação do amor como se fosse um destino disso. Talvez algum dia um outro Gabriel García Márquez escrevesse "*Amor no Tempo de Corona*".

Referências

BURAWOY, Michael. 2005. "Para a Sociologia Pública". *American Sociological Review* 70 (1): 4-28.

BURRIS, Greg. 2019. *A idéia palestina: O filme, a mídia e a imaginação radical*. 1 edição. Philadelphia: Temple University Press.

CAILLÉ, Alain. 2008. "Além do interesse próprio (Uma Teoria Anti-Utilitária de Ação I)". *Revue Du MAUSS* No 31 (1): 175-200.

GALBRAITH, James, e KLAUS DÖRRE. 2019. "O Efeito Choke-Chain": Capitalismo além do crescimento rápido". *Diálogo Global*, abril de 2019. <http://globaldialogue.isa-sociology.org/the-choke-chain-effect-capitalism-beyond-rapid-growth/>.

GRANOVETTER, M. 1985. "Economic Action and Social Structures": O Problema da 'Incorporação'. *American Journal of Sociology* 91 (3): 481-510.

HANAFI, Sari. 2013. "Explicando o Spacio-Cide no Território Palestino": Colonização, Separação e Estado de Exceção". *Sociologia atual* 61 (2): 190-205.

HANAFI, Sari. 2019. "Sociologia Global Revisitada": Rumo a Novas Direções". *Sociologia atual* 68 (1): 3-21.

- HANAFI, Sari. 2020. "Rumo a uma esquerda mais convivial?". *Democracia Aberta* (blog). 5 de janeiro de 2020. <https://www.opendemocracy.net/en/openmovements/towards-more-convivial-left/>.
- HEIDEGGER, Martin. 2008. *O Ser e o Tempo*. Edição de reimpressão. Nova York: Harper Perennial Modern Classics.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell. 2016. *Estranhos em suas próprias terras: A raiva e o luto pela direita americana*. Nova York: A Nova Imprensa.
- HONNETH, Axel. 1996. *The Struggle for Recognition (A Luta pelo Reconhecimento): A Gramática Moral dos Conflitos Sociais*. Traduzido por Joel Anderson. 1ª edição MIT Press ed. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- MACE, Eric. 2020. *Depois da La Sociétés. Manual de Sociologia Aumentada*. Paris: Le Bord de l'Eau.
- MOORE, Jason W. 2016. "Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, História e a Crise do Capitalismo". Em "*Antropoceno ou Capitaloceno? Nature, History, and the Crisis of Capitalism*", editado por Jason W. Moore, 3-15. Oakland: PM Press/Kairos.
- NASSAR, Nassif. 2017. *Democracia e Conflito Ideológico*. Beirute: Rede Árabe de Pesquisa e Editoração.
- PIKETTY, Thomas. 2014. *Capital no século XXI*. Traduzido por Arthur Goldhammer. Primeira edição. Cambridge Massachusetts: Belknap Press.
- PLEYERS, Geoffrey. 2020. "Desafios interconectados do século 21". *Diálogo Global*, 2020. <http://globaldialogue.isa-sociology.org/interconnected-challenges-of-the-21st-century/>.
- TAWIL-SOURI, Helga. 2019. "Dis-Formations of Palestine" (Des-Formações da Palestina). Em *Cultura, Tempo e Público no Mundo Árabe: Mídia, Espaço Público e Temporalidade*, editado por Tarik Sabry e Joe F Khalil, 17-42. Londres: I.B. Tauris & Company.
- VANDENBERGHE, Frédéric. 2018. "Sociologia como Filosofia Prática e Ciência Moral". *Teoria, Cultura e Sociedade* 35 (3): 77-97.
- WRIGHT, Erik Olin. 2010. *Envolvendo Utopias Reais*. Verso.